

Artes e Espetáculos

COMEÇA O VIDEOBRASIL

35 vídeos na mostra competitiva e a novidade de uma mostra internacional. É o Festival Fotoptica Videobrasil, a partir de hoje no MIS.

Inovações aprimoram este ano a fórmula criada há seis pelo Festival Fotoptica Videobrasil. O evento, que reúne o melhor da produção independente em vídeo, começa hoje, às 20 h, e estende-se até domingo, com entrega de prêmios aos vencedores, no Museu da Imagem e do Som.

Pela primeira vez haverá, durante o Videobrasil, uma Mostra Internacional, com a exibição de 20 trabalhos, cedidos pelo British Council, pela galeria nova-iorquina The Kitchen e pelo Vídeo Data Bank do Instituto de Artes de Chicago. Daniel Minehan e Aysa Quinn, diretores norte-americanos, estarão no MIS para apresentar seus vídeos e participar de um debate.

Na premiação, mudanças interessantes para os vencedores. Participam do festival 35 vídeos, selecionados entre os 174 inscritos para a mostra competitiva. São 13 na categoria VHS e 22 na de U-Matic. Para o melhor vídeo em U-Matic caberá a soma de 650 mil cruzados e uma bolsa de estudos no International Film & Television Workshop, no Maine, costa Leste dos Estados Unidos. O vencedor da categoria VHS receberá 450 mil cruzados e uma viagem a Cuba em dezembro, durante o 10º Festival Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano.

O Videobrasil sempre foi um festival disputadíssimo entre produtores e amantes de vídeo, principalmente nos 300 lugares disponíveis no auditório do MIS. Como vídeo não é cinema e pode ser visto com a presença de luz, 78 monitores de TV e dois telões estarão distribuídos pelos três andares do museu, aumentando os focos de atenção. O auditório perde, inclusive, a distribuição de prêmios no domingo, que será realizada, este ano, no primeiro andar.

Segundo Solange Oliveira, coordenadora geral do Festival Fotoptica Videobrasil, o custo do evento foi de 80 milhões de cruzados. Respondendo a críticas de produtores que afirmam ser esta soma dispendida na premiação desproporcional à verba disponível, ela diz: "A premiação não é fonte de renda do produtor. O festival é o único espaço de exibição do vídeo independente e esta é sua função".

Uma mostra de mercado dentro do festival é o plano de Solange para 89. "Mas assim como nos festivais de cinema, a mostra de mercado deve ser organizada pelos produtores. São a Embrafilme, o Concine, associações de classe, que organizam a venda de filmes. Os produtores não podem esperar que o festival faça tudo por eles", argumenta a coordenadora.

Videojornal

Projeto antigo, o Videojornal estréia

com duas edições no 6º Videobrasil: a primeira, antes da mostra dos vídeos em VHS e a principal, com cinco minutos, antes dos vídeos em U-Matic. Marcelo Tas e Hugo Prata assinam o projeto. Hugo fará a direção do jornal, apresentado por Astrid Fontenelle (do Vídeo Mix, da TV Gazeta) e Geraldo Anhaia de Mello será o "repórter abelha".

A novidade tem um novo equipamento — Super VHS. Ele mantém a versatilidade do VHS com a qualidade de imagem do U-Matic. A Panasonic, que pretende introduzir no mercado brasileiro o Super VHS, vai instalar no primeiro andar do MIS uma ilha de edição, um **switcher** e um gerador de caracteres, que colocarão o Videojornal no circuito do MIS.

Os vencedores

A seleção dos melhores está sob a responsabilidade de José Roberto Aguilar (artista plástico), Marcelo Machado (diretor de programação da TV Gazeta), Maria Elizabeth (produtora de vídeo), Ricardo Waddington (diretor de novelas da Globo), Selmo Leisgold (crítico), Vinicius Vianna (roteirista) e do publicitário Washington Olivetto.

Quando a festa acabar, os premiados continuarão a ser exibidos em 23 estados do Brasil, através de uma mostra itinerante. Já em 24 de outubro, serão vistos no Centro Cultural Cândido Mendes, do Rio de Janeiro.

Ana Carmen Foschini

Os vídeos de hoje da mostra competitiva, apresentados a partir das 21 horas no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158): Sabor Graffiti, do grupo Batton (VHS, 11 minutos, doc., São Paulo). Registro e depoimentos dos grafiteiros; Temporada de Caça, de Rita Moreira (VHS, 28 min., doc., SP). Sobre a série de assassinatos de homossexuais em São Paulo; Junglebeat-Luni, de Ruth Slinger e Via Vídeo (VHS, 4 min., clip, SP). Apresentação-relâmpago do grupo Luni — performance e música; Juliette, da Antevê (U-Matic, 3min30seg., clip, RJ). Roteiro de Sandra Kogut, diseca a trajetória de Juliette e outras ninfetas. Prisioneiros do Paraíso, da Conecta Vídeo (U-Matic, 11 min., ficção, SP). Família de videotas e suas relações ocultas com a TV; Spléft, da Produvídeo Comunicação (U-Matic, 17 min., ficção, RS). Câmera metaforicamente policialesca persegue pivete das ruas; Ameianoite, da Giovanna Gold Produções (U-Matic, 13 min., ficção, SP). A direção é de Mara Mourão. Sobre solidão de uma secretária bilingüe e sua relação com eletrodomésticos.

★ Vídeo
Videobrasil,
com o melhor do
vídeo
independente.



Ilamar Miranda

Brandão, Silveira, Primo e Brasileiro (de pé), Machado e Prata: do Video-Brasil para a TV Mix.

ELES GANHARAM A TV

Do vídeo independente para a televisão comercial, uma conquista para os videomakers.

Desde que surgiu no Brasil, como forma alternativa de entretenimento e arte, o vídeo independente ganha cada vez mais espaço nas emissoras de TV "institucionalizadas" e, com isso, um público mais fiel também. Um dos eventos que propiciou essa abertura aos videomakers — profissionais que atuam com uma câmera no ombro e uma boa idéia na cabeça — foi o Festival Videobrasil (veja matéria acima).

Todas as emissoras acabaram, de alguma forma, absorvendo o trabalho das produtoras e de alguns videomakers que trabalham por conta própria. A maior parte da equipe que dirige e faz parte da programação da TV Gazeta hoje deu início à febre do vídeo no Brasil. Entre eles, Marcelo Machado, diretor de programação; Davilson Brasileiro, produtor do programa Grito de Rua; Walter Silveira, editor de pauta, do TV Mix; Ney A. B. Marcondes, produtor do programa Paulista 900; Alexandre Primo

que faz o conhecido Câmera Aberta; Hugo Prata, diretor-assistente da TV Mix e Rogério Brandão, gerente de produção e diretor da produção musical dos 'Mixes'. Todos estes nomes criaram ou passaram por produtoras de vídeo independentes: Olhar Eletrônico, TVDO, Videoverbo e muitas outras.

Até alguns anos atrás, era muito difícil colocar ou mesmo produzir programas independentes no horário de programação das grandes emissoras. Mas, pouco a pouco, o espaço foi conquistado, com trabalhos como Grig Rá e Olho Mágico (o primeiro na TV Gazeta e o outro na Abril Vídeo). Atualmente eles têm à disposição o espaço de uma programação inteira, praticamente.

O fruto mais recente desta invasão in-

dependente é o TV Mix, programa de variedades, informação e música, que toma metade da programação da Gazeta e que está sob o comando direto dos vídeo maníacos. O programa de entrevistas Paulista 900, com apresentação da jornalista Paula Dip, também é produzido por um antigo videomaker, Ney A.B. Marcondes. Ele é um dos poucos que já trabalhavam em grandes emissoras antes de entrar no vídeo. Aos 21 anos, já escrevia novelas em parceria com o Walter Avancini. Marcondes trabalhou ao lado de Tadeu Jungle — na Gazeta também —, Walter Silveira e Pedro Vieira na produtora TVDO — uma das pioneiras na produção independente de vídeo no Brasil, ao lado da Olhar Eletrônico de Marcelo Machado, Fernando Meirelles e Marcelo Tass. Marcondes acha muito importante a existência do Videobrasil, apesar de apontar várias falhas na estrutura e na organização do festival. "Acho o fim do mundo fazer um

vídeo "de fora para dentro", isto é, produzindo trabalhos em vídeo para as emissoras, regularmente. "Como acontece em todo o mundo."

Rogério Brandão, ex-Providium, acha que o festival perdeu a preocupação com o novo. "As pessoas produzem especificamente para o festival, preocupados em ganhar o prêmio", diz ele. Brandão ataca também os critérios usados na escolha dos premiados: "Não se sabe qual é a prioridade do festival: 'tudo que é independente é bom, e tudo que é tecnológico não'. Isso é besteira". Walter Silveira, da TVDO e há um mês na Gazeta, como editor de pautas, concorda e soma mais críticas. Para Silveira, o Videobrasil privilegia os programas de vídeo que estão "muito próximos da TV". Ele acredita que o festival "deve ser uma grande vitrina e não pode estar atrelado à TV. Muito menos deve ser um tipo de vestíbulo para entrar nela".

Mesmo trabalhando em condições precárias Alexandre Primo, apresentador do Câmera Aberta, um quadro dos TVs Mix I e II, de prestação de serviços, é otimista. "Fui independente durante muito tempo. Chegou uma época que eu estava de saco cheio disso tudo e queria mesmo é ser dependente de uma grande emissora", diz ele. "As condições de trabalho na Gazeta

não são as melhores, mas o pessoal aqui tem fôlego e liberdade para usar a linguagem do vídeo, mais próxima do telespectador", diz Hugo Prata, diretor assistente de TV e, antes disso, "abelha" durante seis meses, vai mais longe: "A televisão brasileira está muito estagnada".

Alessandro Gianni



Temporada de Caça, vídeo de Rita Moreira.

★ Tevé Brasil, para soviético ver.

Quatro programas sobre o Brasil, na tevê da URSS.

O país de Gorbachov vai conhecer algumas coisas a mais do país de José Sarney pela televisão. A partir da primeira quinzena deste mês vai ao ar pela televisão soviética uma série de quatro programas que darão uma imagem mais completa do que é o Brasil — seu folclore, costumes, tradições, cultura, avanço agrícola e tecnológico. Vão conhecer também — pela tevê e pela rádio estatal de seu país — como alguns compositores brasileiros interpretaram e musicaram alguns dos seus poetas, como Sierguei Iessenin, Vladimir Maikovski, Boris Pasternak, Marina Tzuietaieva e Leonid Martinov.

Tudo isso se encaixa no Projeto Brasil, programa produzido e dirigido por Pedro Siaretta, da DVT Cine VT Produções e desenvolvido pela Fundação de Televisão Educativa (Funtevê). Com apoio financeiro da empresa Tinta Renner S.A., que desembolsou 300 mil dólares, o projeto é um dos destaques da Expo-Brasil (Feira da Indústria Brasileira), que se realizará em Moscou, de 17 a 22 de outubro — mesmo período em que o presidente Sarney estará visitando a URSS.

Os quatro programas que irão ao ar pela televisão estatal soviética têm duração de 30 minutos cada. O primeiro deles, "A Terra onde os brasileiros vivem", como o

nome mesmo diz, apresentará o Brasil enquanto extensão territorial, clima, geografia, em imagens e locução em off. A seguir, entra pela tevê soviética um panorama de como se dá no Brasil "O desenvolvimento e o trabalho" — com destaques para a agricultura, pecuária e industrialização, em entrevistas com os nossos ministros dos Transportes, José Reynaldo Tavares, e da Indústria e Comércio, Roberto Cardoso Alves.

A arte e o esporte no Brasil", terceiro programa da série, tentará passar ao telespectador soviético como a miscigenação de raças, aqui, produziu uma cultura tão variada e de tantas vertentes, que passa pelo samba, candomblé, maracatu etc. E por que o futebol, um esporte de massa, se tornou a alegria do povo brasileiro.

O último programa será dedicado à música que se faz no Brasil. Vão pintar na tela soviética nomes conhecidos aqui e na lá — como João Bosco, Moraes Moreira, Wagner Tiso, Alceu Valença, Leo Jaime e Caetano Veloso — em clips musicais que darão uma mostra de como musicaram e interpretaram poetas soviéticos de renome internacional. Desse projeto, nasceu também uma versão em disco, que será apresentada aos cidadãos de Gorbachov pela rádio estatal do país.



TV Mix, na Gazeta: jornalismo com abelhas.